

## TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL EM MULHERES MENOPAUSADAS: PARADIGMAS DO ENVELHECIMENTO FEMININO

Emanuelle Kaatharine dos Santos Souza (1); Erta Soraya Ribeiro César Rodrigues (2)

*Faculdades Integradas de Patos – FIP, E-mail: [emanuellekaatharine@hotmail.com](mailto:emanuellekaatharine@hotmail.com)<sup>1</sup>; Enfermeira Obstetra, Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Cruzeiro do Sul-SP, E-mail: [soraya-cesar@outlook.com](mailto:soraya-cesar@outlook.com)<sup>2</sup>.*

**INTRODUÇÃO** O envelhecimento vem sendo uma realidade populacional não só no Brasil, mas no mundo inteiro e considerável parcela dessa população é composta por mulheres, garantindo a característica feminina a esse público. No processo de envelhecimento a mulher vivencia a fase do climatério, que representa a transição entre o período reprodutivo e o não reprodutivo. Incluindo a menopausa que corresponde ao último ciclo menstrual cuja ausência ultrapasse 12 meses após a ocorrência desta (QUEIROZ et al., 2015). Em comparação de gêneros, o ato de envelhecer é totalmente diferenciado. Quando relacionado ao sexo feminino é considerado um processo biopsicossocial que merece atenção especial levando em consideração as consequências para a qualidade de vida e para o bem-estar psicológico desse público, além da atenção necessária para a fase do climatério influenciando, dessa forma no aumento da expectativa de vida (BARBOSA; FREITAS, 2015). Em muitos casos a ausência de informações sobre esse período pode estar relacionada a fatores que não colaboram para um estilo de vida saudável e causam complicações no estado emocional e físico das mulheres, como condições de vida, histórico reprodutivo, ocorrências no trabalho, hábitos de alimentação, bloqueios de acesso a atendimentos de saúde, dentre outras situações socioeconômicas relacionadas à individualidade dessas mulheres (COSTA; OLIVEIRA, 2015). Durante sua vida, a mulher passa por marcos que representam diferentes fases e que podem ter cunho biológico, como ocorre na menopausa, na faixa etária dos 40 aos 60 anos, considerada uma etapa da vida caracterizada por modificações físicas e psíquicas. Devido as importantes transformações e transições sofridas pelas mulheres nesse período, esta fase é induzida por consideráveis biopsicossociais. Além disso, acredita-se que a menopausa e o envelhecimento não se apresentam de forma padronizada em todas as mulheres (FERREIRA et al., 2013). A principal peculiaridade do climatério é a diminuição gradativa da produção dos hormônios esteroides, especialmente do estrogênio e da progesterona e a cessação dos ciclos menstruais. Frequentemente está associado a uma gama de fatores que causam desconforto e redução da qualidade de vida da mulher, abrangendo distúrbios físicos e psicológicos. Na busca de um envelhecimento de qualidade o público feminino vem buscando diferentes formas que garantam o bem-estar nessa fase (COSTA; OLIVEIRA, 2015). A ocorrência da menopausa se dá devido a exaustão da função ovariana e é geralmente acompanhada de manifestações como: adelgaçamento do epitélio vaginal com carência de secreções, redução dos tecidos mamários, sensações de calor, vermelhidão, instabilidade emocional, aumento da reabsorção óssea com perda óssea conhecida como osteoporose pós-

menopáusica, além do aumento de risco para doença arterial coronariana. Como método de alívio para os sintomas citados é utilizado a Terapia de Reposição Hormonal (TRH), objeto alvo de controvérsias e especulações (SANTOS et al., 2013). Com o aumento da expectativa de vida e a série de fatores que possibilitam um envelhecimento de qualidade, a população feminina busca as mais diferentes formas para garantia do bem-estar frente a essas disfunções. A TRH é comumente empregada nesses casos para redução das sintomatologias genitais, vasomotoras e do hipoestrogenismo. Todavia, existem relatos que comprovam os efeitos negativos e positivos desse procedimento, provocando questionamentos (COSTA; OLIVEIRA, 2015). Considerando-se necessária a repercussão dos conhecimentos sobre a utilização da Terapia de Reposição Hormonal em mulheres menopausadas, justifica-se a importância das ideias apresentadas salientando a necessidade do desenvolvimento e propagação de estudos abrangendo o referido conteúdo, visto que ainda são abordados de forma deficiente. A partir do tema exposto surge o seguinte questionamento: Como atua a Terapia de Reposição Hormonal em mulheres menopausadas? O estudo tem, portanto, como objetivo principal, descrever a utilização da Terapia de Reposição Hormonal em mulheres menopausadas e sua relação com os paradigmas do envelhecimento feminino.

**METODOLOGIA** Para análise dos dados adotou-se a técnica da análise de conteúdo, modalidade temática. O processo de formulação do trabalho se deu mediante a busca de literaturas científicas encontradas no Portal de Pesquisa da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), compilando publicações na base de dados da Literatura Latino-americanas e do Caribe (LILACS), no Banco de Dados SciELO – Scientific Electronic Library Online, nos meses de setembro e outubro de 2016. Utilizaram-se os descritores padronizados e disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Terapia de Reposição Hormonal, Climatério e Envelhecimento. Como critérios de inclusão adotaram-se artigos publicados no período de 2013 a 2015, em língua portuguesa e que apresentaram como objeto de estudo a temática central abordada. Como critérios de exclusão consideraram-se os artigos publicados em língua estrangeira, bem como os estudos que não apresentaram aspectos que contribuíssem com o objetivo desta pesquisa. Assim, realizou-se a leitura cautelosa dos 06 artigos selecionados, desenvolvendo uma síntese da pesquisa.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO** É impossível falar em envelhecimento e não pensar em mudanças corporais, principalmente quando se refere ao gênero feminino. Nesse aspecto, processos biológicos marcantes para a mulher são os termos conhecidos como menopausa e climatério, episódios que irão acometer todas as mulheres e precisam ter seus sinais e sintomas compreendidos por estas, embora tenham significados diferentes, ambos remetem ao seu ciclo reprodutivo (FERREIRA et al., 2013). O período do climatério é caracterizado por alterações específicas na menstruação, no sistema cardiovascular, disfunções físicas, ósseas e psicológicas que não possuem tempo estabelecido de ocorrência e são capazes de afetar a qualidade de vida da mulher, variando em cada caso. Dessa forma, os cuidados voltados para essa fase devem ser realizados de forma individualizada, visando a adoção de medidas que contribuam para uma senescência de qualidade (COSTA; OLIVEIRA, 2015). Em relação a qualidade de vida e bem-estar psicológico no climatério é evidente que a atenção voltada a saúde dessas mulheres deve considerar, além dos sintomas físicos, os psicológicos, incluindo as disfunções neuropsicológicas, como as dificuldades

emocionais, de concentração e de memória que surgem e se intensificam nesse período. Dentre as dificuldades emocionais vivenciadas podem ser citadas o nervosismo, as mudanças de humor, a irritabilidade, a ansiedade e a depressão (BARBOSA; FREITAS, 2015). Uma sintomatologia bastante comum no climatério são os fogachos, ondas de calor responsáveis por causar desconfortos, interferência do sono e das atividades diárias, irritabilidade e até depressão dependendo da frequência e intensidade que ocorre. Tratando-se de mudanças físicas e transformações corporais está incluído o aparecimento de rugas, queda de cabelo e problemas dermatológicos responsáveis por causar impactos estéticos e consequente angústia (QUEIROZ et al., 2015). Outra percepção é a íntima relação entre a menopausa e o envelhecimento, representando um marco nessa fase da vida e, como consequência, apresentando sentido negativo de um período encarado com tristeza pela maioria das mulheres. A partir do crescente aumento dessa categoria, verificou-se o sentido do envelhecimento, tendo a menopausa e o climatério como marcos complexos e paradoxais responsáveis pelo contato com uma nova realidade psíquica, corporal e social apresentada após essa fase da vida (FERREIRA et al., 2013). Como método de alívio dos sintomas do climatério é utilizado a Terapia de Reposição Hormonal (TRH), tratamento de controle cujos benefícios são a redução dos sintomas vasomotores e dos sintomas ligados ao sistema nervoso central, melhora da musculatura vaginal e genital, redução dos sintomas urinários e das infecções vaginais, redução da morbimortalidade por doenças arterioscleróticas e da incidência de câncer endometrial e prevenção da osteoporose. No entanto, mesmo existindo essa série de benefícios, são comprovados riscos que podem chegar a superar as vantagens (SANTOS et al., 2013). O componente básico da reposição hormonal em casos de ausência de função ovariana é o estrogênio, geralmente combinado com o progestogênio. A terapia de reposição padrão em casos de útero íntegro baseia-se na administração simultânea entre esses dois hormônios e em mulheres submetidas a histerectomia administra-se apenas o estrogênio, não sendo necessário o revestimento uterino pelo progestogênio nesses casos. Outros hormônios como os androgênios, fitoestrogênios e a tibolona são utilizados em casos especiais. As vias de administração utilizadas são oral, parenteral e transdérmica, que também varia dependendo dos casos (COSTA; OLIVEIRA, 2015). A concepção da mulher sobre a TRH é considerada como uma solução para reduzir os sintomas indesejáveis no climatério e o aceleração do envelhecimento, proporcionando mais vitalidade. Estratégia que pode ser encarada como processo de adoecimento, pelo fato de recorrer a medicações como solução e reversão. Ainda que benefícios sejam considerados, a segurança depende de uma indicação correta, monitorização e individualização com base na sintomatologia, acompanhada por orientação médica e mantida à medida que os benefícios excedam os riscos (QUEIROZ et al., 2015). Nota-se que permanece a imprecisão do conhecimento das mulheres em relação aos riscos e benefícios da Terapia de Reposição Hormonal e das informações voltadas a esta. Muitas utilizam a TRH para redução dos sintomas menopausais (incluindo sintomas vasomotores e sudorese), outras realizam o tratamento na perspectiva de prevenir doenças crônicas ou na manutenção da massa óssea e consequente prevenção de fraturas. Estudos indicam que a utilização do estrógeno sugere benefícios na redução do risco de doenças vasculares, mas análises experimentais não apresentam evidências de vantagens em mulheres com doenças vasculares previamente instaladas. Além disso, o aumento dos riscos pra o câncer de mama e disfunções tromboembólicas também são confirmados, constatando que as chances para efeitos adversos no primeiro ano de tratamento são baixas e que

esses riscos são cumulativos com o tempo de uso (PARDINI, 2014). A TRH destacou-se como alternativa eficaz no controle dos efeitos da privação do estrogênio e alívio dos sintomas climatéricos, seus benefícios são melhorar ou reverter a sintomatologia decorrente dessa carência e a partir do aceitação, o médico responsável deverá planejar um tratamento direcionado exclusivamente para cada tipo de paciente, considerando o tempo de uso, via de administração e quantidade de dose para um resultado eficaz. Embora seja considerada uma terapia apropriada para melhorar a qualidade de vida do público para qual é destinada, seus efeitos indesejáveis estão presentes e requerem cuidados cautelosos (COSTA; OLIVEIRA, 2015).

**CONCLUSÕES** A influência do climatério para o envelhecimento feminino envolve transformações físicas, psicológicas e emocionais características dessa etapa da vida, responsáveis por gerar repercussões indesejáveis de baixa autoestima graças a manifestação de mudanças corpóreas, redução da prática sexual e outras consequências da velhice. A qualidade de vida tende ao comprometimento, sendo influenciada tanto por fatores biológicos, quanto por fatores culturais e psicossociais. Provavelmente, as mulheres atribuem à menopausa eventuais sintomas decorrentes de comorbidades clínicas ou dificuldades emocionais prévias, o que distorce sua percepção acerca desta etapa de suas vidas. O esclarecimento correto sobre essa fase de transição contribui para desnudar os questionamentos criados pela sociedade e garantir a compreensão das mudanças como parte integrante de mais um ciclo da vida e não como sinônimo de incapacidade e velhice. Para o alívio dos sintomas peculiares do climatério existe a opção mais recomendada de reposição dos hormônios que estão em carência, sua utilização de forma adequada pode promover benefícios que superem os riscos advindos. O estímulo para atividades saudáveis e a convivência social são consideradas intervenções importantes que podem ser aliadas à Terapia de Reposição Hormonal com o objetivo comum de reverter ou atenuar os sintomas característicos dessa fase, a fim de proporcionar o bem-estar e melhores condições de vida para esse público alvo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, G., SILVA, M. A. V. M.; ALMEIDA, M. V. S.; SÁ, S. P. C.; QUEIROZ, A. B. A. Influências do climatério para o envelhecimento na percepção de mulheres idosas: subsídios para a enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 17, n. 3, 2016. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v17/n3/pdf/v17n3a09.pdf>>. Acesso em: Out. 2016.

FERREIRA, V. N.; CARVALHO, R. S.; CASTRO, M. R.; FERREIRA, M. E. C. Menopausa: marco biopsicossocial do envelhecimento feminino. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/18.pdf>>. Acesso em: Set. 2016.

FREITAS, E. R.; BARBOSA, A. J. G. Qualidade de vida e bem-estar psicológico no climatério. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n. 3, p. 112-124, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v67n3/09.pdf>>. Acesso em: Out. 2016.

OLIVEIRA, B. M.; COSTA, L. P. L. Influência dos hormônios sexuais na qualidade de vida em mulheres no climatério. **Revista Ciência & Saberes-Facema**, v. 1, n. 1, p. 99-104, 2015.

Disponível em: < <http://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/34/11>>.

Acesso em: Set. 2016.

PARDINI, D. Terapia de reposição hormonal na menopausa. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/abem/v58n2/0004-2730-abem-58-2-0172.pdf>>. Acesso em: Out. 2016.

SOUTO, N. F.; MOREIRA, C. B.; BARROS, P. A. S.; FERNANDES, A. F. C.; SANTOS, M. C. L. Terapia de reposição hormonal no climatério como fator de risco para o desenvolvimento do câncer de mama. **Revista de Pesquisa: Cuidado e Fundamental**, v. 6, n. 3, 2014. Disponível em: < [http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3166/pdf\\_1397](http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3166/pdf_1397)>. Acesso em: Set. 2016.

